

EDITORIAL

Caros leitores,

É com prazer que anunciamos a publicação de mais um número da Revista Agrária cujo tema principal em discussão é “*Segurança Alimentar ou Soberania Alimentar?*” Em tempos onde o mercado de alimentos tem sido cada vez mais regulado pelas grandes corporações que atuam nos diferentes setores da produção de alimentos – da produção da semente à comercialização propriamente dita – através do monopólio dos mercados firmado através de fusões, faz-se necessário refletir sobre o que efetivamente precisa ser buscado: a garantia do fornecimento do alimento no mercado interno venha ele de onde e a que preço vier, ou a criação de uma política de abastecimento do mercado nacional priorizando a produção nacional, de modo a evitar a subordinação às grandes empresas que ditam o que e quando consumimos e quanto pagamos por isso. Sendo assim, refletir sobre os efeitos de cada uma dessas duas opções torna-se de fundamental importância e é essa reflexão que encontra-se presente nos quatro primeiros artigos que compõe o presente número.

O primeiro deles, “*A recriação dos territórios camponeses por meio da produção de alimentos e energia: a experiência do MPA em Frederico Westphalem-RS*”, de Rodrigo S. Camacho e Tiago E. A. Cubas, discute, sob a perspectiva do Paradigma da Questão Agrária, a experiência de um grupo de camponeses no Rio Grande do Sul orientada pelo Movimento dos Pequenos Agricultores que produzem, de forma combinada e equilibrada, alimentos e energia, em um projeto que o movimento denominou de ALIMERGIA. Trata-se de uma clara oposição por parte do campesinato à monocultura de *commodities* e à priorização da produção de alimentos para fins energéticos por parte do agronegócio, na busca da soberania alimentar.

Em “*Financiamento do setor rural: uma análise dos programas PROCERA e PRONAF e o caso dos assentamentos rurais do Pontal do Paranapanema-SP*”, Nívea M. Verges discute o acesso ao crédito rural no Brasil, em especial aquele voltado para a pequena produção nas áreas de assentamentos rurais, a partir da análise dos programas governamentais criados para esse fim. A autora destaca a escassez e ineficiência desses programas, as exigências impostas pelas instituições financeiras, a falta de incentivo por parte do Estado para melhorar o funcionamento do programa e os desafios enfrentados pelos assentados para garantir a reprodução em seus lotes diante das dificuldades de acesso ao crédito.

Os outros dois artigos que se seguem trazem uma leitura italiana da questão em debate. Em “*A inovação na agricultura: chave para vencer os desafios da segurança alimentar e das mudanças climáticas*”, Andrea Sonnino coloca em questão a presença da fome no mundo apesar da capacidade da agricultura mundial de produzir alimentos para nutrir uma população de 7 bilhões de pessoas. A partir dessa perspectiva, discute o papel das inovações tecnológicas para vencer os desafios da segurança alimentar e das mudanças climáticas a partir da Tropical Agricultural Platform (TAP), uma iniciativa do G20 implantada pela FAO e destinada a coordenar e dar eficácia às intervenções de desenvolvimento de capacidade dos sistemas nacionais de inovação na agricultura. Por fim, Guido Sali e Chiara Mazzocchi discutem em “*Agricultura, comércio e proteção: uma síntese possível? O caso das indicações geográficas*”, a funcionalidade das Indicações Geográficas como instrumento de mercado e suas potencialidades no sentido de garantir a valorização dos produtos da cadeia agro-alimentar, a partir do caso do queijo Feta grego. Após apresentar o caso de forma detalhada, os autores tecem algumas considerações sobre a teoria das Indicações Geográficas como bens de mercado e as consequências disso no momento atual.

Compõe ainda a sessão **Artigos** dois outros artigos externos à temática do dossiê mas nem por isso menos interessantes. Em “*Controle e domínio territorial no sul de Mato Grosso: uma análise da atuação da Cia. Matte Larangeira no período de 1883 a 1937*”, Walter G. da Silva traz uma análise bastante interessante do papel do Acordo Tríplice Aliança - realizado entre Brasil, Argentina e Uruguai durante a Guerra do Paraguai - na definição da configuração da estrutura produtiva caracterizada por grandes propriedades rurais no sul do atual Mato Grosso do Sul e da atuação da Cia. Matte Larangeira na estruturação do território regional a partir de grandes fazendas de erva-mate e gado. Por fim, Tito O. Coelho e Carlos E. S. Maia, em “*Rituais de saída da bandeira na folia de Santos Reis do Jardim das Aroeiras em Goiânia, Goiás*”, tratam desta importante festa popular de raízes rurais a partir do acompanhamento de uma jornada ou giro de folia de Reis, analisando-a a partir das influências culturais no deslocamento, mobilização e circulação das pessoas.

Na sessão **Teoria em Debate**, o artigo “*O lugar do campesinato no capitalismo: as múltiplas dimensões do processo de (re)criação de uma classe e de um modo de vida*”, de Anderson L. M. dos Santos e Fabrício Teló traz de volta o debate, ancorado em ampla revisão bibliográfica, acerca do lugar do campesinato no seio do capitalismo, a partir do entendimento de que o campesinato forma historicamente uma classe social e

um modo de vida capaz de se recriar em diferentes contextos socioeconômicos, culturais e políticos.

Na sessão **Resenha**, Pietra Cepero Rua Perez faz uma leitura crítica que nos convida à leitura da dissertação de mestrado de Fernanda Thomaz, intitulada “*O modelo socialista de Cooperativa de Produção Agropecuária (CPA-MST): contradições e avanços – estudo de caso da COPAVA*”, defendida no Programa de Pós Graduação em Geografia Humana sob a orientação da Profa. Dra. Valeria de Marcos. Na referida dissertação a autora, a partir do estudo de caso da experiência da COPAVA, localizada no assentamento Fazenda Pirituba, em Itapeva/Itaberá-SP, discute as bases teóricas da coletivização do MST, apresenta de forma bastante aprofundada a prática da agricultura coletiva na Copava e, por fim, discute as conquistas e contradições da experiência. Trata-se de um tema que muito tem a contribuir com a discussão proposta neste dossiê por tratar-se de uma análise comprometida, ao mesmo tempo que crítica, dessa importante experiência de produção agropecuária com forte inspiração socialista, praticada pelo Movimento Sem Terra no campo paulista.

A todos, boa leitura!

Valeria de Marcos